

CDU 301 (81)

DESENVOLVIMENTO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NO BRASIL: NASCIMENTO E EXPANSÃO

Maria Isaura Pereira de Queiroz

O termo "Ciências Sociais" será aqui tomado em sentido restrito, significando somente Sociologia, Antropologia, Ciência Política. Pressupõe-se com esta distinção que História e Geografia, de surgimento mais antigo no rol das Ciências Sociais em sentido amplo, teriam também tido no Brasil, em conseqüência, um desenvolvimento diverso; no entanto, trata-se de uma questão cuja ocorrência precisaria ainda ser verificada através de pesquisa. É de notar que, em 1838, foi fundado no Rio de Janeiro um Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico, que, a partir de 1839, teve a sua revista trimestral, na qual estudiosos nacionais e estrangeiros publicaram ensaios, pequenas monografias, artigos.¹

O primeiro texto etnográfico que nele figura parece ter sido o de José Machado de Oliveira, em 1842; descrevia a celebração da Paixão de Cristo na Semana Santa numa aldeia guarani de São Paulo, cuja vida tribal, embora atingida pelo processo de aculturação, ainda se mantinha. Fazia o autor notar o sincretismo entre a religião católica e práticas do culto aborígene, embora não usasse, é claro, aquele conceito; mas os fatos ali estavam, eram indiscutíveis, e a pequena monografia mereceu, mais de um século depois, os elogios do antropólogo Herbert Baldus em sua excelente *Bibliografia Crítica da Etnografia Brasileira*,² colocando-a à altura do que de melhor se fazia na época.

Durante praticamente um século, as Ciências Sociais se desenvolveram no Brasil cultivadas por autodidatas, como, aliás, ocorria também na Europa. Nota-se primeiramente um período em que os

* Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada na reunião "IMAGES RECIPROQUES DU BRESIL ET DE LA FRANCE", que se realizou em Paris nos dias 3, 4 e 5 de dezembro de 1987, como parte do "Projet FranceBrésil".

trabalhos apresentados se referiam todos à população indígena; na maioria dos casos tratava-se de dados colhidos pelos próprios autores através da observação direta. A *Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Ethnográfico* se encontra recheada de descrições de aldeias, mas também de estudos linguísticos e de artigos de Antropologia Física em que avultavam as medidas cranianas. Refere Herbert Baldus que estas primeiras pesquisas e seus resultados se teriam desenvolvido a partir da influência de estudiosos de origem germânica, que durante o sec. XIX percorreram o Brasil em todos os sentidos.

Com efeito, a primeira missão científica veio ao Brasil em 1816, a convite do então príncipe regente D. João (futuro rei D. João VI), e provinha da Bavária. Em seguida, o casamento do príncipe herdeiro D. Pedro (mais tarde primeiro imperador brasileiro) com a princesa austríaca Maria Leopoldina de Habsburgo, reforçou provavelmente a influência germânica no país.³ Esta princesa muito apreciava as ciências, principalmente a botânica, e alguns cientistas vieram em sua companhia.⁴ Porém dois outros fatores específicos à sociedade da época também podem ter fomentado o interesse pelos aborígenes: a tendência a considerar então o indígena como o símbolo de origem dos brasileiros e o interesse prático em aproveitar essa mão de obra ociosa mergulhada no recesso das florestas.⁵

Durante a década de 70, outros problemas chamaram a atenção dos estudiosos; diziam respeito à conservação de determinados complexos culturais que marcavam profundamente certos setores da população. Tratava-se de costumes dos descendentes de africanos, por um lado, e por outro lado da persistência de hábitos arcaicos provenientes de Portugal. Três grandes nomes se destacaram, cuja contribuição continua sendo das mais respeitáveis. Sylvio Romero vem em primeira linha como o iniciador das preocupações por esses problemas;⁶ grande admirador de Spencer, combatia o positivismo que então influenciava fortemente os acadêmicos de Direito e os militares, engajados já numa propaganda republicana que desejavam fosse "cientificamente" justificada. Raymundo Nina Rodrigues foi um estudioso de populações urbanas principalmente; dele foi a descoberta pioneira do sincretismo existente nos cultos afro-brasileiros de certas cidades, notadamente em Salvador onde residia. Nina Rodrigues, médico psiquiatra, era discípulo de Charcot e muitos de seus trabalhos foram publicados primeiramente em francês em Paris, onde fazia freqüentes estadias.⁷ Euclides da Cunha, por sua vez, teve seu interesse atraído pelas lutas dos romeiros de Antonio Conselheiro e pela constatação da continuidade de modos de pensar e de agir que provinham de um Portugal medieval e se conservavam intactos nos sertões brasileiros;⁸ a admiração por autores ingleses parece ter exercido importante ação sobre ele.

Estes três autores têm em comum uma grande preocupação com

o diagnóstico de uma "identidade brasileira", e todos eles mostram seu ceticismo mesclado de certo desaponto quanto às possibilidades dela vir a existir um dia. A esse respeito, o título de um dos capítulos dos *Estudos sobre a Poesia Popular*, de Sylvio Romero é sugestivo: "Falta de um caráter étnico original; falta de coesão; disparidade de elementos; o presente e o futuro".⁹ Trata-se, como se vê, de verdadeiro resumo das convicções dos autores. A disparidade de elementos de que se compunha a população brasileira; a origem variada de seus traços culturais, impedia sempre que estes se amalgamassem formando algo coerente; tudo isto resultava na falta de características originais da cultura para distinguir o país dos demais, funesta qualidade que do presente se estendia para o futuro. Não há dúvida que a abolição da escravatura e os problemas colocados pela integração dos antigos escravos na população contribuíam para que o pessimismo destes autores aflorasse. É interessante notar que a dessemelhança de suas formações (direito, medicina, engenharia) e das influências teóricas sofridas não parecem ter produzido consequências que os levassem a se diferenciar em sua maneira de encarar e avaliar os problemas.

Nesse mesmo período existe um autor que permanece em geral ignorado, porém que é interessante destacar porque se distancia completamente dos demais. Trata-se de Paulo Egídio de Oliveira Carvalho, professor da Faculdade de Direito de São Paulo; profundo admirador de Durkheim, organizou na Faculdade cursos para divulgar suas teorias e tentou até mesmo fundar um Instituto de Sociologia, sem êxito porém. Não deixou de efetuar críticas ao mestre, referentes a aspectos que julgava questionáveis; principalmente quanto às definições do normal e do patológico, as quais repugnavam à sua consciência de advogado.¹⁰

É interessante verificar que todos estes cultores das Ciências Sociais não se limitam a aceitar influências de autores estrangeiros copiando suas posições.¹¹ A adoção de uma teoria ou de uma noção passa sempre pelo crivo daquilo que estão estudando, isto é, dos diversos problemas da civilização encontrados nos campos e nas cidades nacionais; a adoção ou rejeição estão governadas pelos dados que colheram ou pela sua experiência de vida. Nina Rodrigues, por exemplo, leva à discussão com seus colegas europeus o material que levantou na Bahia; à roda dos Tarde, Le Bon, Sighele, Rossl, que eram os seus interlocutores, na maioria estudiosos de gabinete, trazia dados colhidos na vivência de seu país, e baseado neles corrigia certas noções, adotava outras. Note-se que a pesquisa de campo estava em seus primórdios, na Europa, e que somente muito mais tarde se instalaria plenamente no que diz respeito à Antropologia e à Sociologia. Deste ponto de vista, Nina Rodrigues e seus colegas se configuram como pioneiros também em relação à Europa.¹² Finalmente, convém não esquecer que nessa época foi formulada a primeira grande teoria

explicativa do Brasil enquanto sociedade e civilização; trata-se da célebre distinção efetuada por Euclydes da Cunha entre um Brasil progressista do litoral e um Brasil arcaico do interior; teoria que encontrou enorme aceitação na camada letrada do país e que ainda hoje exerce sua influência. Uma teoria que partia do conhecimento da realidade e que nada devia a influências externas.

Durante todo o início do séc. XX, cultores das Ciências Sociais continuaram a surgir, porém que não tiveram sobre os "homens de letras" a mesma influência destes autores atrás citados. Houve também na década de 20, em São Paulo, uma reviravolta na maneira de pensar, com fundas repercussões nos trabalhos subsequentes em Ciências Sociais. Mário de Andrade, extraordinário e infatigável pesquisador, em geral rotulado como folclorista pelos seus trabalhos de pesquisa, foi na verdade um cientista social cuja contribuição metodológica está ainda a pedir um estudo aprofundado. Ele cristalizou em seu romance *Macunaíma* a definição "brasildade": o herói, ao mesmo tempo branco, índio, negro, representava a afirmação de que o homem e a cultura brasileiros eram a mescla de elementos de três origens, todas elas agora consideradas como do mesmo nível e da mesma importância. Coube a um outro escritor do mesmo grupo modernista, um ensaísta, a primazia em fornecer a teoria explicativa do amálgama que se vinha observando no país desde os primórdios da colonização: Oswald de Andrade, na interpretação da "antropofagia", esclarecia de que forma o Brasil operava a mistura de elementos para compor algo diferente e novo: devorando-os e modificando-os.

Contemporânea destas transformações no âmbito do conhecimento, vinha à tona naquela década profunda preocupação com a reformulação do ensino geral, e do ensino superior em particular. Uma iniciativa pioneira foi a introdução da Sociologia no ensino secundário e normal; passara ela a figurar no currículo do Colégio Pedro II, considerado ginásio modelo para todo o país; a seguir, a Escola Normal Primária, do Recife, e o Instituto de Educação Caetano de Campos, de São Paulo, também efetuavam a mesma implantação. Argumentava-se que a grande mescla étnica e cultural do país exigia um conhecimento desta ciência, principalmente em se tratando da formação de professores primários, que deviam dar instrução a crianças de origens e civilizações muito diversas.¹³ No mesmo período, um grupo de educadores de variada origem regional (São Paulo, Bahia, Minas Gerais) e de formação também variada - Lourenço Filho, Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo - se empenhou em trazer novas técnicas, novas disciplinas, nova organização a uma rede de ensino que, a partir do primário, demonstrava sua inadequação às exigências dos novos tempos. Na visão deles, as Ciências Sociais eram fundamentais para se alcançar melhorias.

Na década de 30, na linha de tais novas perspectivas, três autores se destacaram por suas obras, cujo impacto sobre os contemporâneos

foi das mais importantes. Somente um deles, Gilberto Freyre, foi um cientista social. Os demais, Caio Prado Jr. e Sérgio Buarque de Hollanda, eram historiadores, porém revelavam, em sua visão dos problemas nacionais, a influência e a marca profunda da Antropologia e da Sociologia do seu tempo; a contribuição deles vem compor um elo na corrente do pensamento brasileiro ligado a estas ciências e não pode, portanto, deixar de ser mencionada.

Caio Prado Jr. publicou, em 1934, o primeiro estudo brasileiro de História de interpretação marxista. Afirmava, na introdução, estar inaugurando via inédita na análise dos eventos brasileiros - a interpretação materialista - por meio da qual se verificava que heróis e fatos, dados como notáveis, haviam merecido tal distinção porque tinham constituído sustentáculos das classes dirigentes.¹⁴ Em 1936, Sérgio Buarque via editado seu livro cabrosamente recebido como um "clássico nato", em que buscava as raízes das peculiaridades nacionais, tanto do homem quanto da sociedade. Influenciado por Max Weber, utilizava conceitos polares nas análises que efetuava e, atribuindo a fatores sócio-econômicos influência na determinação de certas características do homem e da sociedade nacionais, revelava sua adesão a teorias de Hegel.¹⁵

Também em 1933, Gilberto Freyre publicava uma obra em que a existência de camadas sociais hierarquizadas constituía a referência fundamental para a compreensão dos fenômenos culturais nacionais. Foi ele o primeiro estudioso de importância no país que teve formação específica: estudara as Ciências Sociais em universidade americana, tendo ali defendido tese que era o núcleo central do livro acima referido. Sua maneira de considerar a cultura brasileira lhe deu posição ímpar entre os autores nacionais anteriores e contemporâneos: enaltecia a qualidade "mestiça" própria desta cultura, como fizera o grupo da Semana de Arte Moderna, mostrando suas vantagens, que para ele sobrepujavam os aspectos negativos. Pois, oriunda da mescla de traços de origem européia, africana e indígena, que fora se compondo no país através dos séculos e que permeava todas as camadas sociais, constituía entre elas uma ligação das mais fortes; estabelecia assim a coesão entre gente colocada em diversos níveis sócio-econômicos e de poder, contribuindo para solidificar uma estrutura que, dadas as disparidades de posições sociais, assim como de qualificações étnicas, poderia estar fadada a toda a sorte de conflitos e rupturas. A construção de um sentimento de brasilidade assim como a solidariedade interna, que permitiam a existência de uma nação como o Brasil, tão grandemente distendida no espaço, estavam apoiadas e garantidas pela existência de uma civilização que não era mais nem européia, nem africana, nem indígena, mas que, proveniente de todas elas, assegurava entre os diversos setores sociais um relacionamento tanto quanto possível pacífico.¹⁶

Os autores da década de 30 apresentavam, como seus antecessores de fins do séc. XIX, variedade de formações e de influências, e neles se entrecruzam referências de diversa origem. Calo Prado Jr. é o introdutor da perspectiva marxista no país; pensadores e historiadores alemães marcaram a obra de Sérgio Buarque de Hollanda; as correntes americanas de Antropologia e Sociologia ficaram impressas no trabalho de Gilberto Freyre. Porém, sob outro ângulo, os cientistas sociais franceses, predominantemente Durkheim, se fizeram presentes nessa época por seus ensaios e teorias, como elemento de base na formação dos professores primários que se diplomavam a cada ano, muitos dos quais prestavam em seguida o exame vestibular para ingressar em cursos superiores.¹⁷ Todavia, estes alunos também sofriam a influência dos autores brasileiros, os quais figuravam nas bibliografias de seus cursos, constituindo leitura obrigatória para os alunos.

Nesses mesmos anos 30, uma grande mudança se operou no recrutamento dos futuros cientistas sociais brasileiros, com a fundação de duas instituições em São Paulo que passaram a assegurar um ensino sistemático de suas disciplinas: a Escola Livre de Sociologia e Política, fundada em 1933, e o Curso de Ciências Sociais, integrado na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que constituía uma das entidades de ensino componentes da Universidade de São Paulo, então estruturada.

A Escola Livre de Sociologia e Política, estabelecimento privado, resultou da iniciativa de banqueiros, de industriais, de grandes comerciantes, de profissionais liberais, que consideravam imprescindível uma formação mais ampla para dirigentes de empresas e para altos funcionários estatais, com o objetivo de assegurar um desempenho mais eficiente nas suas funções; o termo "Política" estava ligado à Economia Política, fulcro em torno do qual gravitavam as demais disciplinas.¹⁸ Foram convidados professores estrangeiros, que se estabeleceram em São Paulo durante algum tempo, destacando-se: o italiano Antonio Piccarollo para a Ciência Política; o inglês Radcliffe-Brown para a Antropologia; o inglês Horace Davies e o americano Samuel Lowrie para a Sociologia, entre outros. Já em 1933, Horace Davies e Samuel Lowrie iniciavam pesquisas quantitativas sobre o nível de vida e as características dos operários na cidade de São Paulo, imprimindo a seus trabalhos uma orientação voltada para possibilidades de utilização prática. Esta orientação foi mantida pelos professores que lhes sucederam, devendo-se lembrar os alemães Herbert Baldus e Emilio Willems, e principalmente o americano Donald Pierson que ali ensinou por longos anos.

Também o curso de Ciências Sociais, inserido no interior da USP, contou desde o início com a colaboração de professores estrangeiros. No entanto, embora de um modo geral a organização da Universidade de São Paulo coincidissem, em seus propósitos mais amplos, com os objetivos dos fundadores da Escola de Sociologia e Política, uma outra

função lhe estava destinada; juntamente com os demais cursos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, devia formar professores para os cursos secundário e superior. Terminava assim uma fase do ensino nacional em que os postos desses níveis educacionais eram preenchidos por autodidatas nas várias matérias, portanto sem uma verdadeira formação especializada. Inaugurava-se uma nova era, em que os professores de Química seriam formados em Química e não mais em Farmácia; em que os de Biologia tivessem cursado essa matéria, e não mais Medicina; em que os de Ciências Sociais deixassem de se formar nas Faculdades de Direito.

Algumas cátedras do curso de Ciências Sociais, na Universidade de São Paulo, foram preenchidas por professores estrangeiros, a maioria dos quais provinha da Missão Francesa, enviada a colaborar no deslanche da nova entidade de ensino. Vieram primeiramente Claude Lévi-Strauss e Paul Arbousse Bastide; o primeiro demorou-se pouco e foi substituído no início do ano letivo de 1937, por Roger Bastide¹⁹; completavam o quadro os professores Fernando de Azevedo e Emilio Willems.²⁰ Como os dois Bastide permaneceram no país por muito mais tempo, a estes quatro mestres coube a formação das primeiras turmas. Sobre elas foi portanto forte a influência francesa, exercida também por Fernando de Azevedo, admirador sobretudo de Durkheim; influência algo contrabalançada pela presença de Emilio Willems, alemão de origem e de formação, e além disso muito ligado à Antropologia sócio-cultural americana.

Entre os dois cursos, o da Escola de Sociologia e Política e o de Ciências Sociais da USP, as relações que se estabeleceram foram de intercâmbio e de cooperação, tanto da parte dos professores quanto da parte dos estudantes, a começar pela presença de Emilio Willems em ambos. Muitos estudantes cursaram as duas ao mesmo tempo. Outros, terminada sua licenciatura na USP, acorriam à Sociologia e Política para ali fazerem um mestrado (Florestan Fernandes entre eles), que não existia na USP, na qual a carreira docente se iniciava com o doutorado.

A fundação desses cursos em São Paulo encontrou paralelo no Rio de Janeiro, onde se inauguraram mais ou menos na mesma época, no âmbito da Universidade do Brasil, transformada mais tarde em Universidade Federal do Rio de Janeiro. Jacques Lambert, da Universidade de Lyon, ali ensinou tanto Sociologia quanto Ciência Política durante vários anos; teve o mérito de iniciar nessas disciplinas a prática de pesquisa, como efetuavam seus colegas em São Paulo. Em ambas as cidades, as Ciências Sociais tiveram desenvolvimento rápido, tendo como resultado o aparecimento de um conjunto de jovens pesquisadores, mais tarde professores, cuja nomeada logo se firmou.²¹

A diferença entre os cientistas sociais anteriores e os recém egressos destes cursos existiu sem dúvida; não no que dizia respeito à

qualidade das contribuições, e sim quanto aos interesses despertados e às técnicas utilizadas, abrindo-se com eles um capítulo novo na produção intelectual desta área do conhecimento. A formação específica era fator de multiplicação dos pesquisadores, uma vez que dava instrumentos de trabalho de maneira sistemática a conjuntos de jovens; podiam assim se lançar a uma produção em que contariam com interlocutores para discutir suas idéias. Seus antecessores haviam chegado a ela por vocação; haviam se formado noutras áreas que podiam ser afins ou não com as Ciências Sociais - um engenheiro podia se voltar subitamente para estas...²² Uma vez existindo os cursos de Ciências Sociais, os egressos recebiam formação sistemática, sendo, portanto, especialistas. Ao trabalho sobre documentos (material preferencialmente utilizado pelos pesquisadores que os antecederam) mostravam agora predileção pela investigação de campo, empregando a técnica da observação direta. Não eram, todavia, profissionais, no sentido de que não praticavam sua atividade para dela retirar remuneração, constituindo esta a finalidade primordial do trabalho. Sua formação era nitidamente humanística, isto é, seus interesses estavam orientados para o aperfeiçoamento do homem e da sociedade, devendo a ciência se voltar, antes de mais nada, para seus problemas fundamentais, tidos como a única base válida para um conhecimento que se pretendia servir de base a planos de ação; para tanto, a expansão do ensino era primordial e devia ser assegurada a todos sem distinção de classe ou sexo, a instrução constituindo fator da maior importância também para a aproximação entre os homens e o desaparecimento dos conflitos.

Em São Paulo, a influência dos professores que integravam o Departamento de Ciências Sociais foi extensa e profunda, embora viessem de horizontes e países muito diferentes; era encarecida uma formação em que a pesquisa de campo estivesse presente e procuraram que tal treinamento fosse realizado, apesar dos recursos extremamente poucos que a Universidade de São Paulo lhes oferecia. Neste aspecto, a contribuição de Roger Bastide foi primordial, cobrindo um grande leque de temas e de conhecimentos técnicos, encarecia constantemente a importância da análise crítica penetrante. Embora o pendor do Mestre fosse mais para as sínteses, as quais estão presentes na enorme cópia de artigos e de ensaios que escreveu, exerceu e promoveu entre os alunos a utilização de técnicas variadas de coleta de dados. A análise minuciosa do material empírico, levantado quer por meio da observação direta, quer pela reunião de documentação cuidadosamente examinada, merecia de sua parte um trabalho atento e construtivo, que apontava inferências e abria novos caminhos de interpretação anteriormente não visualizados. Num momento em que as técnicas quantitativas, depois de uma primeira utilização por volta de 1933 a 1936, estavam sendo postas de lado, soube empregá-las juntamente com as qualitativas. Mostrava como ambas se associavam na integração dos dados de fontes diversas,

as qualitativas promovendo o levantamento de problemas a serem investigados nos temas escolhidos para o estudo, enquanto as quantitativas levavam à verificação do grau de intensidade ou de expansão com que se apresentava o fenômeno.

Ao chegar ao Brasil, desde logo procurou conhecer o que já existia em termos de Ciências Sociais e efetuar uma avaliação crítica a fim de que suas pesquisas os aproveitassem, fugindo assim de repisar o que já se descobrira antes dele. Dessa forma, os estudos de Sylvio Romero, de Euclides da Cunha, de Manuel Querino, de Arthur Ramos, constituíram uma base para os seus próprios. Raymundo Nina Rodrigues principalmente foi o autor que maior contribuição lhe ofereceu, como reconhece em vários escritos, mostrando sempre a contribuição fundamental deste estudioso brasileiro para a Sociologia e a Antropologia Social no mundo.²³

O ecletismo também constituiu uma de suas marcas dominantes. Não se encontrava encerrado no âmbito da Sociologia francesa ou européia; os sociólogos alemães, por exemplo, entre os quais destacava Max Weber, eram muito seus conhecidos, e igualmente os antropólogos ingleses e americanos. Embora a Sociologia fosse inegavelmente sua perspectiva preferencial, não deixava de recorrer a outras disciplinas desde que visse sua utilidade em determinado momento da pesquisa ou do curso. História, Geografia Humana, Psicologia Social, Psicanálise, foram objeto de incursões de sua parte ou de busca de apoio para interpretações. Incansável leitor, sua erudição era fabulosa; dotado de invejável curiosidade intelectual, problemas os mais variados o atraíam; possuidor de aguda sensibilidade artística, aberto a todas as formas de saber, a partir da religiosa, considerava arte e religião como duas maneiras de se chegar a conhecimentos tão válidos quanto os adquiridos por meio do raciocínio sistemático e científico.

Uma personalidade tão rica em facetas e em matizes não podia deixar de influenciar sobremaneira os estudantes que seguíam seus cursos, e que ele conquistava também com sua simplicidade de maneiras e sua calorosa simpatia. Dada sua metodologia, voltada para o acervo de conhecimentos já existentes em Ciências Sociais, vinha ele também ao encontro da própria formação aurida pelos estudantes no colégio universitário e nas escolas normais. Porque também para ele as obras de Calo Prado Jr., de Sérgio Buarque de Holanda, de Gilberto Freyre, que se juntavam às de outros predecessores e principalmente com as dos escritores da Semana de Arte Moderna, que tanto influenciavam a mocidade nacional naquele momento, haviam constituído portas de entrada para a compreensão do Brasil.²⁴

Não é exagero considerar Roger Bastide como um elo entre as gerações anteriores de estudiosos paulistas e as subseqüentes que foram diretamente seus estudantes, as quais o ligam com os

pesquisadores posteriores. É certo que reforçava nas Ciências Sociais a presença francesa, porém, dada sua erudição sociológica, filosófica, psicológica, fortalecia igualmente o recurso a autores de proveniência diversa. Não se pode dizer que a criação do Departamento de Ciências Sociais (e também da Escola de Sociologia e Política) tivesse, em termos de conhecimento, inaugurado algo que anteriormente não existira; a influência da Sociologia francesa existia havia tempo e, por outro lado, a atitude de Bastide, colocando seus trabalhos a partir dos estudos nacionais, ligava-os estreitamente ao que viera antes, e de maneira dupla: aproveitando o que encontrava e considerava válido, afastando por meio de crítica aprofundada os aspectos que lhe pareciam não fundamentados ou limitados. Dentre os estudantes que sofreram sua influência, muitos alcançaram real importância.

Florestan Fernandes se destaca pela sua grande contribuição, voltada a princípio para problemas em perspectiva histórica; porém logo foi atraído para as coletividades em posição inferior na hierarquia sócio-econômica nacional. Estudando os jogos infantis, o fez num bairro de imigrantes pobres da cidade; efetuou mais tarde uma grande pesquisa sobre os negros paulistanos, juntamente com Roger Bastide,²⁵ persistiu no estudo deste tema, ampliando-o; voltou-se então para o problema do ensino, mas tendo sempre em mira a desigualdade que a estrutura sócio-econômica impõe aos jovens de poucos recursos. Dir-se-ia, pois, um paladino dos pobres e oprimidos. Tendo sido assistente de Fernando de Azevedo e, em seguida, de Roger Bastide, poder-se-ia pensar que a influência da Sociologia Francesa fosse predominante nele; ela existiu, mas seus primeiros textos trazem forte marca também do funcionalismo inglês e, nos estudos subseqüentes, as orientações teóricas se prendem sobretudo a Marx, a Max Weber, a Karl Mannheim. A variedade de perspectivas de seus trabalhos está apoiada em substanciais considerações críticas, e, neste setor, sua contribuição metodológica é notável.²⁶

Através de um caso preciso, o de um "bairro rural" paulista, Antonio Cândido de Mello e Souza diagnosticou a via seguida pela decadência rural que transformava sítios mais ou menos independentes em migrantes para o meio urbano ou então em mão de obra agrícola. O que parecia um simples estudo de caso constituía, na verdade, estudo que empregava a fundo o procedimento comparativo para compreender como o presente se ligava ao passado, em que regiões havia ainda sobrevivências deste último, de tal modo que a partir de um estudo em profundidade de um só exemplo era possível compreender a transformação fundamental em curso no meio rural de pequenos produtores do país analisando a passagem do Brasil, de sociedade predominantemente agrária, para uma sociedade urbano-industrial.²⁷

Não foram estes os únicos pesquisadores que se distinguiram

como continuadores dignos de seus mestres. O antropólogo Egon Schaden dedicou-se ao estudo dos aborígenes, iniciando seus trabalhos com uma bela abordagem da mitologia de tribos diversas que, no entanto, apresentavam em comum a crença no herói civilizador; mostrou como ela estava ligada às estruturas tribais, constituindo, para os nativos, uma explicação das mesmas e, ao mesmo tempo, uma base para sua sustentação. Muito antes dos estudos de mentalidades terem adquirido grande voga, foi esta uma obra precursora. Mais tarde, o mesmo autor voltou sua atenção para os diversos graus de aculturação de tribos Guarani, utilizando, em pesquisa de campo, a técnica de observação direta e iniciando no setor de Antropologia da Universidade de São Paulo a investigação das tribos indígenas no presente.²⁸

Seguindo na esteira de Roger Bastide, que ministrara cursos de Sociologia da Arte e que constantemente escrevia artigos sobre o tema, Lourival Gomes Machado inaugurou os estudos de estética sociológica. Excelente crítico de artes plásticas, dedicou-se ao estudo do barroco nacional; seu campo de ação extrapolou o âmbito da Universidade de São Paulo, tendo sido diretor do setor de artes da Unesco, em Paris.²⁹ Gilda R. de Mello e Souza formada em Ciências Sociais, defendeu bela tese sobre a moda brasileira durante o séc. XIX; passou depois para o Departamento de Filosofia, regendo a disciplina de Estética e prosseguindo as pesquisas nesta área, que era a de sua predileção e à qual trazia a contribuição de uma sólida base sociológica.³⁰

Um outro nome, por exemplo, se destacou, cuja projeção tem sido importante: o do antropólogo Darcy Ribeiro. Mineiro, formado na Escola de Sociologia e Política, passou a trabalhar no Museu Nacional do Rio de Janeiro, voltando suas pesquisas para a população indígena. Todavia, não considerou as tribos como unidades a serem analisadas individualmente, como pequenos universos fechados, como vinha sendo efetuado pela maior parte dos pesquisadores no país e no exterior. Darcy Ribeiro orientou seus estudos para as tribos indígenas em seu conjunto, buscando sua classificação a partir de uma abordagem comparativa que englobava estrutura, organização, grau de ligação com a sociedade nacional, buscando definir as influências desta sobre elas. No entanto, atraído por outros campos de atividade, dedicou-se à ação educacional, sendo a princípio orientado pelo grande educador que foi Anísio Teixeira; mais tarde, embrenhou-se pela própria política educacional, sempre empenhado na defesa da escola pública.³¹

O exame destes exemplos não esgota nem a coleção dos formados em Ciências Sociais nos primeiros anos da USP, nem os que se dedicaram a seus temas noutras regiões do Brasil. Assim, em 1949, fundava-se no Recife, sob a inspiração e a direção de Gilberto Freyre, o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, dedicado a investigações que dissessem respeito às peculiaridades brasileiras e, principalmente, nordestinas. O Instituto se tornou um verdadeiro centro

de especialização e treinamento de cientistas sociais, numa época em que praticamente inexistiam no país entidades desse tipo; merece ele uma pesquisa em profundidade, que apresente a variedade dos temas ali abordados, as técnicas empregadas e as personalidades ali formadas que mais se distinguiram. Aliás, uma visão completa do que ocorreu, em matéria de Ciências Sociais, nas variadas regiões do Brasil, está ainda pedindo um levantamento cuidadoso. Neste ensaio, somente se buscou colocar os anos de formação desta área do conhecimento; espera-se que a perspectiva utilizada, pouco abordada ainda, sirva de estímulo a investigações futuras. Para tanto, o panorama se detém apenas em São Paulo, onde a formação sistemática dos pesquisadores foi mais antiga e onde a autora teve mais facilidade para trabalhar.

A existência em São Paulo de duas escolas recheadas de mestres competentes, nacionais e estrangeiros, não podia deixar de promover um desenvolvimento rápido das Ciências Sociais. O grande impulso dado ficou registrado nas obras encontradas na Biblioteca Municipal e publicadas entre 1940 e 1959. Nessas duas décadas, 79 livros figuram na referida biblioteca, editados em São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia. Na primeira década, foram 14 os livros editados em São Paulo, 10 no Rio, 7 em Pernambuco, nenhum na Bahia. Na década seguinte, a produção paulista sobe para 32 obras, caindo a carioca para 8, a pernambucana para 4 e aparecendo a Bahia com 4 contribuições. Pode-se questionar, sem dúvida, se estes conjuntos representariam significativamente o universo das publicações nacionais em tais disciplinas; no entanto, sua coincidência com o desenvolvimento maior e mais contínuo delas em São Paulo, onde desde 1934 funcionavam dois cursos de alto nível pelos professores ali reunidos, leva a pensar que a produção, assim como o crescimento mais rápido das publicações estaria plenamente justificada.³²

Nesses primeiros anos de uma formação sistemática em Ciências Sociais, a Universidade de São Paulo se destacou pela quantidade e qualidade dos pesquisadores diplomados e de seus trabalhos. Seu interesse pelas disciplinas não provinha somente dos docentes, estrangeiros e nacionais, que ali professavam; entravam eles no curso já marcados pelo patrimônio de pesquisas de que dispunha o país desde fins do séc. XIX. No entanto, a variedade de origem e de formação do conjunto de professores que atuavam nas duas entidades de ensino contribuía para o caráter eclético que se nota na primeira formada, tanto no que dizia respeito à diversidade de temas que se dispuseram a investigar, quanto às contribuições buscadas em autores de variadas opiniões teóricas. A esse respeito, constituíam os novos cientistas sociais uma continuação de seus antecessores brasileiros, cuja curiosidade os orientara para temas díspares, e nos quais se notava a influência de autores muito diferentes.

No entanto, além de não serem mais autodatas como seus

antecessores, os jovens pesquisadores deles se separavam noutra aspecto. De fins do séc. XIX até a década de 30, o principal interesse dos cultores das Ciências Sociais, no Brasil, se havia orientado para a definição dos traços da "brasileiridade", para os contornos de uma "identidade nacional". Caio Prado Jr. novamente fora um pioneiro pois, através da História, buscara delinear as estruturas da sociedade nacional; Gilberto Freyre, por sua vez, embora utilizasse uma abordagem em que tais estruturas não eram deixadas de lado - muito pelo contrário, constituíam a base de suas análises - tivera por interesse primordial descobrir o âmago da cultura nacional, do "ser brasileiro" que, a seu ver, operava como fator de ligação entre os diferentes estratos sociais e étnicos, e mesmo entre as várias fases histórico-econômicas por que passara o país. Era ele uma continuação dos antecessores, embora utilizando uma outra perspectiva. Caio Prado Jr., por sua vez, foi realmente quem orientou os trabalhos para uma outra perspectiva, na qual a essência não era mais buscada; a atenção se voltava agora para os processos em curso no seio de estruturas de poder que iam se instalando nas diversas regiões.

Durante os anos 50, outros rumos se delinearam em São Paulo, marcando as novas turmas de estudantes que buscavam o rumo das pesquisas universitárias apesar da parcimônia de postos a serem preenchidos e de recursos alocados às investigações. O desenvolvimento do Estado e da cidade de São Paulo constituíram então poderosa alavanca, impulsionando as estruturas universitárias para novas aberturas e as indagações em Ciências Sociais para uma expansão cada vez maior. O enriquecimento do Estado e da cidade abria o mercado de trabalho para os estudiosos, o qual foi se ampliando, embora vagarosamente; a especialização em determinado setor de investigação se afirmava como tendência vitoriosa - especialização que tanto dizia respeito aos procedimentos e técnicas, quanto aos temas a serem abordados, e também em relação às teorias que delimitavam as perspectivas e orientavam as interpretações.

Esta ampliação era notada também no Brasil como um todo e se espalhava, por exemplo, no crescimento das publicações especializadas em Sociologia. Assim, de 1970 a 1982, isto é, 12 anos que coincidem com o período da repressão militar no país, com todo o peso da censura, a quantidade de livros subiu a 1.012. A produção de Antropologia e Ciência Política talvez seja menor, porém comparando o que fora produzido de 1939 a 1959, em que 459 obras das três disciplinas tinham vindo a lume, o grande aumento de interesse pelas Ciências Sociais mostra-se de maneira indiscutível.³³ Há um outro aspecto da questão que não pode ser esquecido, quando se encara a expansão do interesse por esse ramo do saber: o crescimento da procura pelos seus cursos. Voltando a São Paulo, pesquisa efetuada nos anos 70 mostrou que, em 40 anos pesquisados, os estudantes em nível de licenciatura haviam

passado de 7.721 para 10.606. Analisando o que ocorria na USP, verificou-se que 20% destes estudantes estavam ao mesmo tempo cursando outras faculdades, ou na própria USP, ou exteriormente a ela: Direito, Economia, Engenharia, Medicina, etc. As Ciências Sociais eram encaradas como um complemento indispensável à sua formação.³⁴

Este desenvolvimento flagrante segue de perto a expansão numérica das classes médias no país e sua divisão em uma multiplicidade de subníveis, classes médias que reivindicam uma formação ao mesmo tempo mais especializada e mais humanística, reunindo em sua aspiração qualidades que se diria incompatíveis... A associação do desenvolvimento destes dois contrários nas mentalidades e na prática daria constituir problema interessantíssimo de ser estudado em todo o desenvolvimento do ensino no Brasil. O fenômeno encontrado nas Ciências Sociais da USP, com relação aos alunos que ali estudavam nos anos 70, talvez seja único; a existência do curso noturno de Ciências Sociais lhes facilitava tal associação, tanto mais que o noturno, mais longo, é efetuado com menos matérias em cada semestre.

Além desta possibilidade de se cursar ao mesmo tempo dois cursos díspares, a partir dos anos 60 nota-se, em São Paulo, a multiplicação das universidades públicas e privadas; somente neste Estado, as universidades públicas são hoje seis, para pelo menos 16 universidades privadas e mais inúmeras instituições de ensino superior que não estão vinculadas entre si, as chamadas faculdades isoladas.³⁵ Nesta quantidade muito grande de entidades que ministram licenciaturas predominam aquelas que oferecem cursos de Ciências Sociais ou de disciplinas afins - Direito, Pedagogia, História, Letras em maior quantidade, isto é, aquelas que permitem a obtenção de um diploma sem grandes gastos na instalação das escolas. Tal proliferação aumentou a possibilidade de obtenção de dois diplomas, seja cursando concomitantemente escolas de áreas diferentes de saber seja estudando uma área e em seguida outra. Considera-se, em São Paulo, que as Ciências Sociais se encontram entre as áreas mais favorecidas pela procura: porém seria interessante verificar até que ponto tal se dá. Tratar-se-á de um fenômeno preferencialmente paulista, ou específico do Sudeste (onde se encontra a maior concentração de pesquisas científicas no país)? Produzir-se-á também, embora em menor escala, noutras regiões. Infelizmente o desenvolvimento das ciências no Brasil, seja no conjunto do país, seja comparativamente em suas variadas regiões, ou até mesmo sob a forma de monografias em cada uma delas, não tem atraído muito a atenção dos pesquisadores; o caso das Ciências Sociais não faz exceção. Seria necessário preencher esta falha, tanto mais que um conhecimento como esse seria sem dúvida importante para a expansão do saber.³⁶

Concomitantemente com esta grande ampliação na quantidade de escolas e de estudantes em Ciências Sociais, notava-se outra, que

contrastava com a direção que até então tinham tomado as investigações. Como já se notara, a orientação predominante parecia ter sido para se compreender o que seria o Brasil. As investigações tendiam a se concentrar agora em torno de problemas precisos da atualidade, num esforço tanto de compreensão quanto de procurar soluções; mostravam-se empenhados os pesquisadores em conhecer fragmentos da sociedade brasileira e seus problemas, *aqui e agora*, com o fito de corrigir aspectos pouco desejáveis, desvendando estruturas e processos ocultos. Muito embora um marxismo assaz ortodoxo influenciasse as posições da maioria dos jovens autores, pareciam estar impelidos também pela conhecida máxima positivista - conhecer para prever, prever para agir...

A tendência, que se iniciou pelos anos 60, promoveu uma redução na amplitude dos temas; estes vinham se tomando cada vez mais variados, porém no leque, que assim se abria, as questões abordadas eram praticamente as mesmas. Por exemplo, os estudos das camadas sociais inferiores urbanas e rurais, as análises da situação dos grupos étnicos pouco favorecidos passaram a ser as orientações dominantes de pesquisa, fosse em sua situação econômica, política ou cultural; os demais estratos não atraíram a atenção, como se a situação dos mesmos já fosse conhecida e não oferecesse problemas interessantes a serem desvendados.³⁷ Observou-se também a concentração em torno de determinadas técnicas, utilizadas muitas vezes com exclusividade, como se de há muito já não houvessem os clássicos das Ciências Sociais advertido para o perigo de se basear a pesquisa num só tipo de coleta; justamente o recolhimento de dados por meio de técnicas diversas e de documentos muito variados é que permite a comparação entre eles, assim como sua complementação, para se alcançar uma compreensão válida. Todas estas características, muito claras em São Paulo, parecem ter existido por toda a parte no país, passando a constituir a fisionomia das Ciências Sociais por toda a parte no país.

Não quer isto dizer que toda a produção científica permanecesse inexoravelmente marcada por tais maneiras de agir; a ampliação dos campos abordados continuou a se operar, porém a massa dos pesquisadores tendia a seguir os rumos mais em voga. A fundação de entidades destinadas a fornecer as verbas de pesquisa pode ter influído também nas direções tomadas, exercendo uma espécie de barreira para tudo quanto parecesse fora das linhas estimadas como válidas ou que pudesse ser taxado de demasiadamente arrojado. No mesmo período, surgiram associações de docentes e pesquisadores buscando definir metas específicas, promover a defesa de seus direitos, estabelecer os limites de um mercado de trabalho amplo. Os cientistas sociais, que anteriormente se autoconsideravam antes de mais nada docentes e pesquisadores, passavam a uma profissionalização que se afirmava a largos passos. Tais observações são válidas para o país em geral, porém

sempre se apresentam de maneira mais clara em São Paulo. Seria interessante que investigações rigorosas e aprofundadas aquilatasse a validade destas observações, que são ainda primárias e especulativas. Certamente haverá discrepâncias e peculiaridades conforme a região e a intensidade da ação dos cientistas sociais ali existentes. O desenvolvimento das universidades foi geograficamente diverso, e sem dúvida elas constituem um fator muito importante na expansão do ensino e das pesquisas da área científica aqui considerada.

Em São Paulo, ponto mais "quente" para a ampliação dos conhecimentos nas Ciências Sociais, o sucesso das investigações em grande parte devido ao empenho dos primeiros mestres que aqui lecionaram, formou-se um foco de irradiação de influências teóricas, de maneiras de ser e de pensar as pesquisas; seria interessante procurar saber em que medida foram elas aceitas, em que medida, ao contrário, determinaram a adoção de outros rumos como um meio de afirmação regional.

Um outro aspecto que deveria ser analisado é o do paulatino afastamento entre a Sociologia e a Antropologia. A princípio, estavam estas disciplinas intimamente associadas, juntando-se a elas a Ciência Política, a qual, porém, ocupava uma posição quase de segundo plano. Pouco a pouco, o crescimento delas levou-as a diferenciar cada vez mais as perspectivas que tomavam para a coleta e a análise de seu material. O sociólogo foi cada vez mais colocando sua abordagem em termos de camadas sociais, de hierarquias sócio-econômicas, no interior das quais a dialética indicava os rumos dos processos em curso. A influência do marxismo aprofundou nestes pesquisadores a aspiração de investigar como uma forma de denunciar as injustiças sociais, com o intuito de intervir e buscar corrigi-las. A Antropologia seguia ora o caminho de uma Antropologia cultural inspirada em teorias americana, avultando então problemas de aculturação de populações indígenas ou de imigrantes; ora se mostrava influenciada pelo estruturalismo francês, buscando em esquemas de funcionamento de coletividades aparentemente simples, como as tribos nativas, a possibilidade de se atingir a explicação do que é o homem e do aparecimento da cultura. Não tardou também que eles enveredasse para o estudo das tribos atuais, partindo para a defesa dos indígenas, fosse qual fosse a orientação metodológica que seguissem; e houve assim, por vezes, uma curiosa aproximação de perspectivas marxistas e estruturalistas, cujos detalhes não foram ainda analisados. Finalmente, a Ciência Política, mercê principalmente das disparidades econômicas e das peculiaridades dos negócios públicos nacionais, foi ganhando corpo e angariando cada vez mais cultores, numa busca de ação política com bases num conhecimento que buscavam adquirir, mas que vinham desde o início orientados por teorias nitidamente ideológicas, a ponto de conseguir uma notoriedade que parece levá-los a uma posição mais favorecida do que a de seus colegas

das outras áreas. Tais desenvolvimentos levaram as Ciências Sociais, na Universidade de São Paulo, a um desmembramento que seguiu as delimitações atrás expostas, o qual se operou há poucos anos.

A progressiva especialização que foi ocorrendo entre as três disciplinas, anteriormente consideradas como as componentes de um bloco bastante interligado, parece ter tido como resultado uma delimitação de áreas que redundou num empobrecimento dos trabalhos resultantes. Até mais ou menos os anos 70, os cientistas sociais seguiam as mesmas vias para a sua formação, adquirindo portanto sólidas bases em Sociologia, em Antropologia, em Ciência Política, uma vez que eram obrigados durante quatro anos a conviverem com esses domínios do conhecimento. O aparecimento dos cursos optativos determinou uma ruptura naquela orientação; após dois anos de formação semelhante, orientavam-se já os cientistas sociais para as disciplinas de sua predileção, distanciando-se daquelas que não eram as escolhidas. Não se trata de um empobrecimento no leque de temas que cada setor oferece; este se amplia constantemente. Trata-se, isso sim, do conhecimento de teorias, de procedimentos, de técnicas, as quais no passado cada estudante era obrigado pelo menos a tomar conhecimento de suas orientações básicas.

Observe-se que um trabalho como o realizado por Antonio Cândido de Mello e Souza sobre os parceiros do Rio Bonito tanto pode ser classificado na categoria de sociológico, quanto na de antropológico; a dupla inserção do trabalho em dois ângulos diversos de visão possibilita sem dúvida a profundidade com que os problemas serão abordados e conhecidos. O enriquecimento do trabalho provém do fato de que o conhecimento do pesquisador está solidamente ancorado em duas vertentes pelo menos, podendo portanto auferir sugestões de pelo menos duas fontes em sua base, isto é, na formulação de seu projeto; no caso de Antonio Cândido há uma terceira fonte - a História - em que, embora não tendo nela formação específica (como é o caso das duas já citadas), é possuidor de uma grande erudição. Como os fatos sociais são "totalidades" no sentido que lhes dava Marcel Mauss, isto é, constituem sempre uma conjunção aspectos variados e interligados, quanto maior a amplitude e a profundidade de conhecimentos de um pesquisador, mais rico, original e sugestivo será o seu trabalho.

A situação de verdadeira calamidade nacional que foi se acentuando a partir da década de 70 até hoje, alargando cada vez mais o fosso entre a abundância de alguns e a miséria da maioria, assim como a complexidade crescente de uma sociedade que subitamente se transformou de rural em urbana, acentuou também a especialização dos pesquisadores, no sentido de se especializarem em fragmentos da realidade: estuda-se a fundo um fragmento do conjunto sócio-econômico e cultural do país, mas a sociedade global, que devia formar o indispensável pano de fundo para uma compreensão mais ampla, só

aparece como um esquema muito sumário, ou até mesmo por meio de simples alusões. As conclusões de estudos assim parcelados são inteiramente pontuais, no sentido de que, por meio deles, é esclarecido "um ponto único" da totalidade de problemas de uma sociedade; e esta é, por uma constatação que de há muito ganhou foros de postulado, "global", tanto porque composta de inúmeras parcelas com identidades próprias, quanto por encerrar os mais variados processos em curso; para compreendê-la seria indispensável acender inúmeros focos de luz que a iluminassem de perspectivas as mais díspares. É neste patamar que se colocam as sínteses, que hoje se encontram mais ou menos abandonadas, no âmbito das três ciências aqui abordadas, sínteses que pouco a pouco os pesquisadores afastaram de suas cogitações uma vez que não podiam se originar de trabalhos de campo ou de investigações com larga possibilidade de verificação que lhes desse probabilidades de afirmações com certo grau de validade.

O termo "síntese" está sendo tomado aqui no sentido de uma "ação do espírito que reúne diversas representações, diversos sentimentos ou diversas tendências de modo a formar um todo único e organizado".³⁸ Tal síntese resultaria da especificidade do "espírito sintético", isto é, da orientação mental dos investigadores apressados que, impacientes, não recolhem uma quantidade suficiente de dados para estabelecer uma base sólida; associando uns aos outros os primeiros que lhes chegam às mãos, e sendo dotados de imaginação fértil, constroem imediatamente um sistema com os primeiros que conseguem... Provavelmente qualquer asserção a respeito das sociedades globais se coloca muito mais no campo das sínteses e dificilmente poderá sugerir análises minuciosas dada a complexidade das mesmas. O presente ensaio, além das deficiências apontadas, só tem como intuito oferecer um primeiro panorama da evolução da coletividade dos pesquisadores em Ciências Sociais no Brasil. A aplicabilidade e a durabilidade das sínteses dependem em grande parte do poder de diagnóstico do autor: a acuidade do olho clínico é indispensável para que elas possam ser aceitas como válidas e assim continuem por algum tempo.

Quanto mais parcelares as pesquisas, mais suas conclusões apenas se referem ao "ponto" abordado, menos é possível atingir, por meio delas, um nível um pouco mais elevado de abstração; as consequências somente são válidas para o pequeno fragmento estudado e para outros que lhe sejam iguais, não podendo ser extrapoladas para níveis diferentes ou para coletividades mais amplas. No entanto, se a grande maioria das pesquisas atualmente realizadas não parecem levar a interpretações válidas para parcelas maiores da sociedade global, e nem mesmo, obviamente, para esta última, em sua totalidade, podem elas constituir modos adequados de resolver alguns problemas sociais imediatos, isto é, podem servir de base para ações sociais que também

não extrapolem a parcela analisada. É claro que as ações propostas vão apresentar uma falha inevitável: uma vez que só se abarca uma perspectiva, ou poucas perspectivas, há sempre a possibilidade de um dos ângulos que não foi levado em consideração constituir um dos fatores primordiais do problema, que não podia ser deixado de lado na análise; e assim virá ele influenciar a solução que a pesquisa apontara como válida, desvirtuando o resultado a que se pretendia chegar. Como no caso das sínteses, são estes os ossos do ofício.... E neste particular, as Ciências Sociais não se diferenciam das demais áreas do conhecimento humano.

X X X

As pesquisas em Ciências Sociais festejarão em breve seus 150 anos no Brasil, se aquela de José Machado de Oliveira, publicada em 1842, for reconhecida como a primeira delas. Durante todos estes anos, a expansão desta área do conhecimento foi indiscutível, tanto em quantidade de pesquisadores, quanto no nível da contribuição dos mesmos, que se imprime na validade com que são encarados. É certo que a contribuição brasileira ao conjunto de obras do setor não se distinguiu por uma quantidade de descobertas que pudessem ser aplicadas, como tendências gerais, no âmbito universal ou, pelo menos, no âmbito ocidental; também não surgiram no país técnicas novas, nem parecem ter sido aperfeiçoadas as antigas a ponto de aumentar sua eficiência. Os pesquisadores brasileiros adotam em geral temas e técnicas que se encontram em vigência no exterior; nenhuma criatividade parece, pois, marcar este setor do conhecimento, que só se teria distinguido do europeu e do norte-americano pelo maior ou menor sucesso do esforço empreendido pelos pesquisadores. As Ciências Sociais brasileiras não seriam, assim, senão uma cópia sem originalidade do que se faz no exterior, faltando-lhes individualidade.

No entanto, desde os primeiros momentos em que pesquisas neste setor foram efetuadas, grandes diferenças podem ser notadas, com relação aos modelos do exterior. Na Europa, as Ciências Sociais surgiram a partir de investigações sobre a "humanidade", isto é, as características básicas do "ser homem", por um lado, e por outro de indagações a respeito da origem e da natureza das coletividades humanas; a busca das essências foi-lhes fundamental e orientou-as, desde seu início, para as abstrações. Noutras palavras, os estudos partiam de teorias sobre o homem e a sociedade, buscando em seguida na realidade existente as provas do que se afirmava. Nos Estados Unidos, a preocupação maior voltou-se para as técnicas de coleta de dados; o resultado foi a ampliação e o refinamento das mesmas. Os problemas fundamentais continuaram sendo aqueles que os cientistas sociais europeus já haviam definido ou estavam definindo. Os

investigadores brasileiros se abeberaram nestas duas fontes para construir seus problemas e aplicar as técnicas para resolvê-los.

Foi justamente na proposição dos problemas que o país se diferenciou destes dois focos de preocupações com o saber. A curiosidade, aqui, não se orientou - e não se orienta ainda - para eles. Desde o início dos trabalhos, a perspectiva em que se colocaram os pesquisadores foi a de compreender *o que era o Brasil*. Mesmo nos primeiros tempos, em meados do séc. XIX, permanecem eles perplexos diante da esfinge constituída pela sua própria sociedade como um todo, e pelos habitantes tão variados que nela se encontram, tentando decifrar como seus aspectos díspares e incongruentes compõem uma totalidade que se mantém intacta há quase 500 anos. Ao encarar os cientistas sociais estrangeiros que aqui desenvolveram seus trabalhos, verifica-se que a mesma preocupação deles se apoderou e dominou-lhes os esforços para a compreensão dos fenômenos sociais; também nas Ciências Sociais agiu a "antropofagia" brasileira...

NOTAS E OBRAS CITADAS

- 1 - A fundação do Instituto no Rio de Janeiro demonstra o interesse existente por esses assuntos, que despertou bastante cedo no país; o exemplo do Rio de Janeiro não tardou em ser seguido por fundações semelhantes em capitais de províncias, também com publicação de revistas. A Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro existe até hoje, porém perdeu o termo final, Etnográfico, em época e condições ainda não esclarecidas.
- 2 - BALDUS, Herbert. *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira* - S. Paulo; Museu Paulista/Comissão do IV Centenário, 1954, p. 12-13; MELATTI, Julio Cezar. *A Antropologia no Brasil: Um Retelro*. Brasília; Fundação Universidade de Brasília, Série Antropologia no. 8, 1983, p. 10-12.
- 3 - Maria Leopoldina era filha do imperador da Áustria Francisco I e de sua segunda esposa, a Imperatriz Maria Tereza. Seu casamento ocorreu em 1817.
- 4 - Note-se que a Missão Francesa, que D. João convidara a vir ao Brasil em 1816, era notadamente artística; a ela se devem iniciativas importantes. Os cientistas vieram um ano depois.
- 5 - Ver a respeito PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura, "Brésil, XIX siècle: les précurseurs des Sciences Sociales" - "in" *Culture, Science et Développement* (Melanges en L'Honneur de Charles Moraze). -

Toulouse; Privat Ed., 1979.

- 6 - O melhor estudo sobre as influências que agiram sobre Sylvio Romero é o de MELLO E SOUZA, Antonio Cândido, *O Método Crítico de Sylvio Romero*, 2a ed., São Paulo; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1963 (Teoria Literária no. 1).
- 7 - Raymundo Nina Rodrigues morreu em Paris em 1906. Publicara nesta cidade, em 1900, sua obra *L'animisme Fetichiste des Nègres de Bahia*, mais tarde traduzida e publicada no Brasil, que constitui um dos grandes clássicos nacionais sobre as religiões afro-brasileiras. Colaborou em várias revistas francesas e italianas da época: *Annales Médico-Psychologiques*, de Paris; *Archives d'Anthropologie Criminelle*, de Lyon; *Archivio de Psichiatria, Scienze Penali ed Antropologia Criminale*, de Turim. Foi um dos fundadores do Institut de Psychologie des Peuples.
- 8 - CUNHA, Euclydes da. *Os Sertões*. São Paulo, 1902.
- 9 - ROMERO, Sylvio. *Estudos sobre a Poesia Popular no Brasil*. 2a. ed. Petrópolis: (R.J.), Ed. Vozes, 1963.
- 10 - MELLO E SOUZA, Antônio Cândido. "Informação sobre a Sociologia em São Paulo" - São Paulo, *O Estado de São Paulo*, Edição do IV Centenário, 25 de janeiro de 1954.
- 11 - A esse respeito, manifesta-se neste ensaio opinião contrária à de Roberto SCHWARTZ, *Ao Vencedor, As Batatas*, São Paulo; *Duas Cidades*, 1977; id., "As Idéias fora do lugar", São Paulo, *Estudos CEBRAP*, no. 3, 1973. Também com opinião contrária à de Schawartz, ver Renato ORTIZ, *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*, São Paulo; Ed. Brasiliense, 1985.
- 12 - Nina Rodrigues partia do real para discutir as teorias de seus colegas estrangeiros. Em Antropologia, esta maneira de proceder parece ter começado na França na primeira década do séc. XX; é o que afirma James CLIFFORD em *Maurice Léonhardt*, Paris; J. Michel Place, 1987. Muitas vezes mostrou Nina Rodrigues que os fatores sociais, ignorados pelos psicólogos e psiquiatras europeus, eram de mais alta importância na explicação de fenômenos falsamente rotulados então de "loucura coletiva". Ver a "Introdução" de Arthur RAMOS ao livro póstumo de Nina Rodrigues *As coletividades Anormais*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1939.
- 13 - As Escolas Normais Primárias correspondem à segunda fase do ensino secundário no Brasil, isto é, ao chamado "colégio". Assim, já em fins da década de 20, a Sociologia Geral e a Sociologia Educacional eram introduzidas no final do curso secundário. Em 1931, finalmente, eram elas tomadas gerais no país, com a Reforma do Ensino do ministro da Educação Francisco Campos. A influência das teorias durkheimianas esteve presente constantemente nessas

Inovações.

- 14 - PRADO JR., Caio. *Evolução Política do Brasil e Outros Estudos*. São Paulo; Ed. Brasiliense, nova edição, 1953. Do mesmo autor, ver: *História Econômica do Brasil*, São Paulo, Ed. Brasiliense, 3a ed., 1953, e *Formação do Brasil Contemporâneo (Colônia)*, São Paulo, Ed. Brasiliense, 4a. ed., 1953, que exerceram forte influência sobre a juventude da época e os estudantes subsequentes.
- 15 - BUARQUE DE HOLLANDA, Sérgio. *Raízes do Brasil*, 3a. ed., Rio de Janeiro: Livr. José Olympio Ed., 1956. São também importantes pela mesma razão: *Caminhos e Fronteiras*, Rio de Janeiro: Livr. José Olympio Ed., 1a. ed. ilustrada, 1957; e *Visão do Paraíso*, Rio de Janeiro, Livr. José Olympio Ed., 1959. Uma das melhores análises da obra de Sérgio Buarque de Holanda é encontrada no livro de ANTÔNIO CÂNDIDO, *Terésina, etc.*, São Paulo; Ed. Paz e Terra, 1980, capítulo "Raízes do Brasil", p. 135.
- 16 - FREYRE, Gilberto. Três obras suas formam um conjunto importante, nos trabalhos deste autor: *Casa-Grande & Senzala*, Rio de Janeiro: Maia & Schmidt Ltda., 1933; *Sobrados e Mucambos*, São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1936; *Ordem e Progresso*, Rio de Janeiro, Livr. José Olympio Ed., 2 vols., 1959. O primeiro deles constitui sem dúvida o mais conhecido; foi objeto de traduções em várias línguas, destacando-se a tradução francesa de Roger Bastide, *Maîtres et Esclaves*, Paris, Presses Universitaires de France, 1953.
- 17 - Entre os livros adotados nestes cursos destacam-se os de Fernando de AZEVEDO, *Princípios de Sociologia*, São Paulo; Ed. Melhoramentos, 7a. ed., 1956; e *Sociologia Educacional* 7a. ed., 1965, difundidos pelo país e profundamente embebidos nos temas e na influência durkheimiana.
- 18 - Um dos fundadores e maiores animadores desta Escola foi o economista Roberto SIMONSEN, banqueiro e autor de uma *História Econômica do Brasil*, 1937, que merece referência. Note-se que praticamente os mesmos organizadores da Escola, nessa mesma época, estruturaram o IDORT, Instituto de Organização Racional do Trabalho, destinado a incrementar a racionalização de todas as formas de atividade, principalmente a Industrial, em São Paulo. As falhas e ineficiências detectadas pelos altos expoentes do Estado durante a Revolução de 1932 foram poderoso incentivo para se procurar alcançar melhores rendimentos em todas as atividades produtivas, através de uma sistematização das mesmas e de uma instrução mais aprimorada do elemento humano.
- 19 - Além dos professores citados, também veio para São Paulo e ali permaneceu durante toda sua carreira o Prof. Paul Hugon, de Economia Política; porém sua influência sobre os estudantes de

Ciências Sociais foi muito pequena. Com a fundação da Faculdade de Economia e Administração, em 1947, o Prof. Paul Hugon passou para a nova instituição. Os professores Paul Arbousse-Bastide e Roger Bastide, muito amigos, não eram parentes.

- 20 - A presença de professores alemães nas instituições de Ciências Sociais em São Paulo talvez explique a influência acentuada de autores como Max Weber e Karl Mannheim, que foi muito marcada desde as primeiras turmas. Os livros de Max Weber, por exemplo *Economia Y Sociedad*, em 4 volumes, circulavam na tradução espanhola do Fondo de Cultura de México, editada em 1944. Karl Mannheim também já havia sido traduzido em espanhol; em 1950, veio a lume a tradução brasileira de *Ideologia e Utopia*, feita por Emilio Willems, publicada pela Editora Globo, de Porto Alegre.
- 21 - Os estudantes paulistas em Ciências Sociais foram mais favorecidos do que seus colegas de outros Estados pela presença de uma quantidade maior de professores estrangeiros, maior mesmo do que os que foram ensinar no Rio de Janeiro, que no entanto era ainda a capital do país. Além de Jacques Lamberts no Rio de Janeiro cite-se Charles Wagley, antropólogo americano, que trouxe uma contribuição muito válida à Bahia e ao Pará, durante os anos 50. Há que se lembrar do livro de Jacques Lambert, que exerceu também certa influência nos estudos brasileiros: *Le Brésil: Structure Sociale et Institutions Politiques*. - Paris; Armand Colin, 1953; tradução brasileira em 1959 - *Os Dois Brasís*, Rio de Janeiro: INEP/MEC.
- 22 - A observação é de Djaclir MENEZES, *O Brasil no pensamento brasileiro*, Rio de Janeiro, MEC/INEP, 1957.
- 23 - Assim escrevia ele: "Precisamos insistir sobre a importância da obra de Nina Rodrigues, pois foi a partir dele que se desenvolveram as pesquisas subseqüentes," tanto mais que já havia feito, em fins do séc. XIX uma descoberta fundamental, "a do sincretismo religioso entre os deuses africanos e os santos católicos. Foi ele o primeiro a descobri-la, e foi ele também que chamou a atenção dos pesquisadores sobre as formas modernas da aculturação". Ver *Les Religions Africaines Au Brésil*, Paris, Presses Universitaires de France, 1960, p. 28-29; trad. brasileira: *As Religiões Africanas no Brasil*, São Paulo, Livr. Plonera Ed., 1971.
- 24 - Roger Bastide desenvolveu relações de grande amizade com os componentes da Semana de Arte Moderna, principalmente Mário de Andrade, Flávio de Carvalho, Paulo Duarte, Sérgio Milliet, em cujas obras encontrava outras tantas informações e perspectivas sobre a sociedade brasileira. Seu estudo aprofundado da literatura nacional, sobretudo os poetas, constituiu também um meio de compreendê-la dentro de um outro ângulo de visão. A respeito da utilização da poesia, ver "A propósito da poesia como método sociológico",

- resposta a Sérgio Milliet, poeta, que negava a possibilidade dessa utilização, "in" PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura, BASTIDE, Roger. *Uma Coletânea de Textos*. São Paulo; Ed. Ática, 1983, p. 81. Esse texto fora publicado primeiramente no jornal *Diário de São Paulo*, 8-fevereiro-1946.
- 25 - BASTIDE, Roger, FERNANDES, Florestan. *Negros e Brancos em São Paulo*, São Paulo; Cia Editora Nacional, 1959.
- 26 - A contribuição de Florestan Fernandes às Ciências Sociais brasileiras é muito vasta: estudo sobre relações raciais no Brasil; introdução do ponto de vista sociológico nos estudos folclóricos; análise das transformações da estrutura social nacional; ensaios sobre problemas universitários e sobre as orientações políticas nacionais, etc. etc. A princípio revelando influências da Antropologia Social Inglesa, como se depreende do conteúdo de suas duas primeiras teses e se expressa inclusive nos títulos, seus trabalhos foram cada vez mais marcados por uma abordagem marxista, em cujas interpretações se encontram fundas influências de Max Weber. Um de seus primeiros trabalhos foi a tradução de uma obra de Marx, *Contribuição 'A Crítica da Economia Política'*, seguida do "Postácio", para o qual Florestan Fernandes, em sua introdução, chamava especialmente a atenção, mostrando da grande importância do texto para a Sociologia, - texto encontrado por Kautsky e publicado pela primeira vez em 1903. Para captar melhor as diferenças entre as primeiras obras e as seguintes, comparar por exemplo *A organização Social dos Tupinambá*, ou então a *Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá*, que foram publicadas na década de 50, e *A Revolução Burguesa no Brasil*, editada no Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- 27 - *Os Parceiros do Rio Bonito*, (Rio de Janeiro, Livr. José Olympio Ed., 1964) São muitas vezes apontados como a contribuição fundamental de Antônio Cândido à Sociologia. Tendo em seguida abandonado este ramo do conhecimento para se dedicar à Teoria Literária, sua obra sociológica seria pequena. No entanto, todos os seus trabalhos ligados à literatura trazem indelével o selo da Sociologia, constituindo exemplares de uma "história das mentalidades", *avant la lettre*. Veja-se a esse respeito a obra-prima que é a *Formação da Literatura Brasileira (Momentos Decisivos)*, publicada pela Livraria Martins Ed. em 1959. Em seus dois volumes, encontra-se novamente a preocupação com o problema: "o que é a sociedade brasileira? o que é o homem brasileiro?" que se procura responder agora através da produção intelectual, porém interpretada esta no contexto sócio-histórico em que ela vinha a lume. Busca em sua obra, - e consegue realizá-lo - um ponto de equilíbrio entre, de um lado, os procedimentos históricos e sociológicos, e de outro lado os métodos propriamente literários de análise.

- 28 - Em *A Mitologia Heróica de Tribos Indígenas no Brasil*, Rio de Janeiro, Ministério de Educação e Cultura, 1959, também Egon Schaden se orientou no sentido de uma "história das mentalidades". Note-se que sua tese de doutoramento (depois publicada sob o título acima) foi defendida em fins dos anos 40, sendo objeto de uma edição da Faculdade de Filosofia da USP. Deste ponto de vista, Egon Schaden também foi precursor.
- 29 - Não teve Lourival Gomes Machado uma produção muito ampla, pois foi levado a abandonar suas pesquisas para ocupar, por muito tempo, o lugar de Diretor de Arte da UNESCO, posto em que veio a falecer. São dignos de nota, no entanto, *Retrato da Arte Moderna no Brasil*, São Paulo, Departamento de Cultura, 1947; e principalmente *Barroco Mineiro*, São Paulo, Perspectiva/EDUSP, 1969.
- 30 - *O Espírito das Roupas* (A moda no séc. XIX) São Paulo, Companhia das Letras, 1987. A influência sociológica se faz sentir em todos os seus trabalhos. Ver principalmente *O Tupi e o Alaúde*, São Paulo, livraria Duas Cidades, 1979.
- 31 - Desde seus primeiros textos, mostrou Darcy Ribeiro uma orientação que se orientava da parte para a totalidade, figurando ambas com destacada importância; ver por exemplo "Culturas e Línguas Indígenas no Brasil", "in" *Educação e Ciências Sociais*, Rio de Janeiro vol.2, no. 6, 1957. A preocupação com grandes sínteses, tão rara entre os pesquisadores brasileiros, se faz notar mais claramente ainda em *Frontières Indigènes de la Civilisation*, Paris, Union Générale des Éditions, Col. 10/18, 1979. Poucos cientistas sociais apresentam uma carreira tão movimentada quanto a de Darcy Ribeiro, fundador da Universidade de Brasília, ministro da Educação, exilado político durante o período da ditadura militar (1964-1980); regressando ao país, persistiu em sua carreira política, à qual juntou também a atividade de romancista.
- 32 - PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. Les études ethno-sociologiques au Brésil - *Recherches et Dialogues Philosophiques et Économiques*, Paris, Institut de Science Économique Appliquée, no. 96, Série M, no. 6, décembre 1959.
- 33 - BIANCHI, Ana Maria. *Evolução Temática da Sociologia Brasileira* (Relatório Final de Pesquisa) - São Paulo; FINEP/FIPE, 1985.
- 34 - PRANDI, José Reginaldo. *Os Futuros Cientistas Sociais*. São Paulo: Departamento de Ciências Sociais, U.S.P., 1980. O autor fora despertado para o problema ao verificar que, no período estudado, os estudantes de licenciatura em Ciências Sociais haviam passado de 7.721 para 10.606 no Estado de São Paulo.
- 35 - PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *Um Depoimento*. Discurso proferido por ocasião da obtenção do título de Doutora Honoris

Causa, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 29 de maio de 1990, ms.

- 36 - Algumas tentativas foram efetuadas com bons resultados, mas não parecem ter atraído suficientemente a atenção dos pesquisadores científicos em geral. Cite-se para exemplo: MARTINS, G.M. e QUEIROZ, R. - O perfil do pesquisador brasileiro - *Revista Brasileira de Tecnologia*, 18 (6) setembro de 1987, realizado com base nos dados do SELAP (Sistema de Linha de Acompanhamento de Projetos) do CNPq. E ainda SANTANA, Wagner Alves de. A SBPC e a comunidade científica nacional - *Ciência e Cultura*, Revista da Sociedade Brasileira para o Desenvolvimento da Ciência, v. 41, no. 2, fevereiro de 1989, em que foram usados dados da SBPC. Para as Ciências Sociais houve uma primeira tentativa estudando somente um ano da Reunião da Sociedade Brasileira para o Desenvolvimento da Ciência: PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura - SBPC, 1982: caracterização das comunicações de pesquisa nas Ciências do Homem - *Ciência E Cultura*, Revista da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, vol. 35, no. 4, 1983.
- 37 - Há um excelente exemplo de pesquisa em que todos os estratos sócio-econômicos foram abordados, com base em dados no IBGE; demonstra-se assim a possibilidade, hoje, de se traçarem quadros gerais da realidade brasileira com fundamentos outros que não exclusivamente os da sensibilidade, percepção e erudição do pesquisador. Ver BOA NOVA, Antônio Carlos - *Energia e Classes Sociais no Brasil*.
- 38 - LALANDE, André. *Vocabulaire Technique et Critique de la Philosophie*. 13 ed. Paris, Presses de France, 1980.